

## À SOMBRA E À LUZ DOS PÁSSAROS DE LINS

Thomaz Abreu (Unb)

Elizabeth Hazin (Unb)

Resumo: A literatura de Osman Lins é deveras impactante, uma vez que apresenta diversos veios críticos, perpassando estética, ética, política, epistemologia, teoria literária, crítica literária, dentre outras ramificações. O estudo analítico de um corpus dessa envergadura heurística torna-se revelador de formas e conteúdos relacionados, criticamente, à sociedade e a mecanismos de subjetivação. Nesse sentido, far-se-á, neste artigo, um recorte da obra do romancista e crítico lítero-social, com o foco em seu livro. Buscar-se-á refletir sobre determinadas formas de objetificação a partir do texto “O Caráter Fetichista da Mercadoria e o seu Segredo”, as quais, segundo pensamos, são denunciadas nas narrativas “O Pássaro Transparente” e “Perdidos e Achados”, que compõem essa obra, pois esses textos apresentam uma “estetização crítica”, uma vez que aquelas formas são contraditas, a seguir a peculiaridade dessas narrativas. Com isso, espera-se, em ambas estas narrativas, indicar personagens que são construções estilísticas de formas de objetificação bem como personagens que, ao contrário, “desfetichizam” essas formas. Assim, tais narrativas poderão ser compreendidas como textos de denúncia contra mecanismos sutis de exploração que podem assaltar a subjetividade.

Palavras-chave: Fetichismo. Contradição. Crítica. Literatura.

### **Fetichismo: uma elisão das imanências sociais, pessoais e existenciais**

A literatura osmaniana é, fundamentalmente, crítica, o que a leva a posições convergentes com as críticas de Marx contra o mundo moderno, o mundo do capital. Nesse sentido, entendemos que ela reflete sobre fundamentos, ou seja, sobre o ôntico e o ontológico da literatura e sobre a sociedade. Nas narrativas “O Pássaro Transparente” e “Perdidos e Achados” (LINS, 1966), a noção de “fetichismo” oferece possibilidades hermenêuticas, a seguir tal orientação.

O vernáculo oferece uma delimitação interessante para o termo “objetificação”, uma vez que o indica como “ato de tratar como um objeto” (HOUAISS e VILLAR, 2009, p. 1371), o que vai ao encontro da noção de “fetichismo”, sendo tal acepção inferível da reflexão sobre o “fetichismo da mercadoria”, à luz da definição oferecida por Marx. Nesse sentido, explica o autor de “O Capital” que a forma-mercadoria representa-se na relação de valor dos produtos do trabalho, mas sem dizer respeito à natureza física deste tampouco às relações sociais que resultam do trabalho, de modo que a relação social adquire uma forma fantasmagórica específica, qual seja, a de uma

relação entre coisas, entre os produtos do trabalho, ao invés de uma relação social entre os homens. Essa fantasmagoria oferece-se como se os produtos do cérebro e do dispêndio de forças humanas tivessem vida própria, como se fossem independentes dos produtores, o que leva Marx a uma definição: “A isso eu chamo de fetichismo, que se coloca aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias” (MARX, 2013, p. 148). Nesse sentido, o “fetichismo da mercadoria” designa a independência falsa em relação aos seus produtores a qual os produtos do trabalho adquirem quando se tornam mercadoria. Dessa forma, os produtores são tratados como coisas, pois eles são destituídos da sua relação social imanente, dado que tal independência invisibiliza o trabalho constitutivo dos produtores.

Podemos, então, isolar elementos contidos em tal conceito de “fetichismo”, o que ensejará uma aproximação com a denúncia osmaniana de formas de subjetivação coisificadas. Nesse sentido, aquela independência falsa representa um objeto, mas essa representação não apresenta esse objeto na imanência do surgimento deste. Em outras palavras, o objeto advém mediante o trabalho efetivo de agentes determinados no qual eles travam relações sociais, intersubjetividade de trabalho esta que é subtraída pela representação da mercadoria. Esta é, assim, uma “representação transcendental”, na medida em que o objeto é apresentado fora do seu lócus de imanência. O estabelecimento desse fora, por meio da forma-mercadoria, é, assim nos parece, o que fundamenta o “fetichismo”.

Formas de subjetividades podem, também, estabelecer-se de maneira “fetichizada”, considerando-se tanto relações de uma pessoa para consigo mesma quanto relações de uma pessoa com outras. Nesse sentido, tal como o “fetichismo”, as representações de si que uma pessoa tem podem representá-la, subtraindo-a do lugar de imanência do seu si mesmo, ou seja, das suas demandas sociais, pessoais e existenciais; e as representações do outro que uma pessoa tem podem, igualmente, representá-lo, subtraindo-o do lugar de imanência dos seus pleitos sociais, pessoais e existenciais. Dessa forma, a representação de si e a representação do outro podem, meramente, repetir a lógica da “representação transcendental” da forma-mercadoria.

Sendo assim, procuraremos indicar o que chamaremos de “fetichização” da subjetividade, tal como ocorrem nas narrativas “O Pássaro Transparente” e “Perdidos e Achados”. Procuraremos, também, indicar o movimento inverso, que chamaremos de

“desfetichização”, o qual, igualmente, encontra-se presente nessas narrativas, tornando-as, então, críticas da coisificação da (inter)subjetividade.

### **Um pássaro com jeito de ave de rapina e olhar de gente**

Podemos ler, no início da narrativa “O Pássaro Transparente”, um silêncio andante e uma batida trovejante de calcanhares. Encontram-se aí: o orgulho silencioso de um gato, que não se deixa perceber devido ao som mudo dos seus passos; e a altivez silenciosa de um garoto, que não se deixará perceber devido à mudez da expressão de sua personalidade na resignação existencialmente fosca para a qual se encaminha efetivamente quando adulto. Eis, portanto, dois seres de vida silenciosa, dois orgulhos silenciados, haja vista à surdez dos passos que dá o gato e à surdez “performativa”, no modo de ser adulto do garoto, das palavras que este enuncia, desempenho existencial que já se prefigurava, porém, no projeto de ruptura do jovem.

Trata-se de uma espécie de “performative utterance” (AUSTIN, 1965), uma vez que essa surdez performativa diz respeito à possibilidade de um proferimento realizar uma ação que, porém, designa uma situação de falsa representação de si. Neste sentido, as palavras proferidas pelo personagem homem, adulto, realizam uma ação de repressão sobre as palavras proferidas por ele quando jovem, as quais, reverberando sua altivez de garoto, articulavam um projeto de liberdade mediante a hipótese de uma ruptura com o contexto interpessoal e social ao qual o homem, contudo, quedou-se adequado. Assim, lemos palavras que o homem profere, mas, também, as palavras que, mentalmente, fala, solilóquio este que é outra forma de proferimento, indicando forças antagônicas, ou seja, a repressão e os ecos do projeto de liberdade.

É curioso ver que a palavra “garoto” contém a palavra “gato”, ou seja, *ga(ro)to*, figurando-se, por meio das pisadas silenciosas do gato, uma metáfora do projeto de si do garoto não efetivado por este quando adulto, ou seja, um projeto surdo de si mesmo, cuja voz e desempenho existencial próprios se abafam. Desta forma, identificam-se a vida do gato, visível e emudecida, e a vida do garoto, o qual derroga seu projeto de ruptura com o modo de ser familiar por haver internalizado uma personalidade “capitalista” e “patriarcal”.

O adjetivo “capitalista” é importante, se considerado no sentido relativo ao de “capital” (HOUAISS, Op. Cit., p. 394, quinta acepção) e “capitalista” (idem, primeira acepção), a partir dos quais se pode deduzir que um sujeito, com esse atributo, é vazado

por seus bens, sua renda e socializa-se mediante a lógica da “forma dinheiro” (MARX, Op. Cit., p. 145-146), hierarquizando, dessa forma, suas relações interpessoais e intrapessoais, as quais, então, quedam-se “coisificadas” (HOUAISS, Op. Cit., p. 490, segunda acepção completa) e “fetichizadas”, de modo que o humano é tratado pelo capitalista como um objeto inanimado à disposição deste, ou seja, objeto tal que, destituído de pensamento, afetividade, e de imanência, torna-se “valor de troca” para a manutenção e maximização do patrimônio familiar do capitalista, tal como demonstra a dinâmica do homem em relação à sua esposa, aos seus empregados e à sua família.

O termo “patriarcal” é igualmente importante, considerando-se sua relação ao “patriarcado”, (HOUAISS, Op. Cit., p. 1447, terceira e quarta acepções). Seguimos a constatação de Gilberto Freyre, segundo a qual a sociedade portuguesa no Brasil, desde o século XVI, desenvolveu-se, especialmente em Pernambuco e no Recôncavo da Bahia, patriarcal e aristocraticamente, tendo sido a família patriarcal um grande fator na colonização do Brasil (FREYRE, 2003, p. 79-81). Na interpretação de Sérgio Paulo Rouanet, Freyre apresenta, de maneira inaugural, crítica e literariamente singular, em nossas letras, o domínio do “pater familias” num regime patriarcal que tiranizava os outros numa estrutura social sadomasoquista (ROUANET, 2001, p. 488). Ademais, vemos que se aproximam desse domínio características que, também, remontam à colonização do Brasil, quais sejam, as hierarquias mediadas por privilégios hereditários, as quais, a seguir outro intérprete relevante para a história do Brasil, foram vivenciadas por portugueses e espanhóis (HOLANDA, 1995, p. 35-36), o que se refletirá no modo de ser “semeador” dos portugueses, os quais, na interpretação de Rouanet, não tinham visão a longo prazo, eram aventureiros, de interior, de família patriarcal (ROUANET, Op. Cit., p. 491)<sup>1</sup>. Os privilégios hereditários e o domínio do “pater familias” são constitutivos da socialização da família do personagem homem, na medida em que ele prefere a autoridade radical do seu pai e os bens deste ao projeto de ruptura.

Na narrativa em questão, o homem, que, de maneira patriarcal e capitalista, coisifica a (inter)subjetividade de que é parte, desfaz-se do seu ímpeto de juventude e do seu projeto de liberdade que visava romper a condição, a que se agrilhoava sem a querer conscientemente (mas a desejando), de estar submetido ao constrangimento moral

---

<sup>1</sup> Não seguimos, contudo, a tese edulcorada da “democracia racial” nem do “homem cordial”. Para um diálogo hermenêutico(-crítico) acerca da ideia segundo a qual as noções de personalismo e patriarcalismo poderiam justificar uma suposta singularidade cultural e social pré-moderna no Brasil, ver, escritos por Jessé Souza: *A modernização seletiva*. Brasília: Unb, 2000; *A ralé brasileira: quem é e como vivem*. Belo Horizonte: UFMG, 2009; e *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: LeYa, 2015.

paterno e ao tratamento coisificante de si como propriedade do pai, impossibilitando-se, então, de *voar transparente*, na medida em que se queda, resignado, no horror da carência de si: uma privação acerca do si, estando este esvaziado de algo que lhe falta; e o si acerca da privação, o si da falta que priva. Assim, afirma o homem:

Pois bem, eu recebi a herança. Renunciei, para sempre, a qualquer expressão pessoal do ato de viver. Despousei a mulher que o senhor decidiu ser a indicada para mim, estou impregnado de tudo que detesto, corrompi-me, gosto de e respeitado, dono de riquezas que haverão de crescer, trago o senhor em mim, nunca deixarei esta cidade. Sou o continuador, o submisso, o filho. O pai. (LINS, Op. Cit., p. 13).

Podemos dizer, ao contrário, que, no conto, o olhar de gente do pássaro que voa transparente é (um)a metáfora de um modo de ser pessoalmente singular, qual seja, a intimidade de um ser cuja singularidade encontra-se em seu próprio modo de ser, proceder ontológico de autoafirmação da intimidade, da peculiaridade, do si mesmo, ao contrário da repressão da efetivação deste modo de ser pessoalmente singular, repressão esta que gera um ser cuja singularidade não se encontra em seu próprio modo de ser, proceder ontológico de esvaziamento de si. Desta forma, o homem se assusta com aquilo que ele despreza e por aquilo que o ameaça: despreza as possibilidades de efetivação de sua pessoalidade e, portanto, teme a imponência da ave que é mais viva, e mais pessoal, do que ele – o homem estranha o ser (humano) que ele não é, estranha a humanidade do pássaro, pois está derogada a sua humanidade, a do homem. Eis os pássaros:

- O jornal reproduzia uns quadros seus, frutas, pássaros voando. Um era transparente, via-se o pássaro e o coração do pássaro. Tinha um jeito de ave de rapina.
- E olhar de gente.
- Isso mesmo. Era assustador. Existe, aquele pássaro?
- Não. (idem, p. 14).

Nesse sentido, o pássaro, marcado por um olhar humano, olhar de gente o qual assusta o adulto de existência pusilânime, alude à desumanização do homem, pois há

um desencontro de olhares, ou, mais precisamente, o olhar do homem não se reconhece no olhar da ave, na medida em que o proceder ontológico da intimidade desta é negado pelo desencaminhamento ontológico do homem, haja vista a este, capitalista e patriarcal, alijar-se de seu projeto de liberdade, recusar sua pessoalidade e coisificar sua (inter)subjetividade, tornando-se o homem, assim, um simulacro da ave, a qual, como prosopéia existencial representada na pintura, é a efetivação do humano do qual o próprio homem alienou-se.

### **A intimidação contra a fala superada pela intersubjetividade libertadora**

Na segunda narrativa, “Perdidos e Achados”, podemos ler como existem relações dialéticas já verificáveis no título desse conto, no seu primeiro período, na sua primeira página. Para tanto, tenhamos em mente as relações entre o mundo talássico e o mundo terreno, entre os bichos que habitam a praia e os seres do mar, e entre os bichos que habitam a praia e os seres do ar: existem relações imanentes entre os habitantes da praia e os peixes ceifadores, as quais se fundamentam na interpenetração entre os mundos talássico e terreno; as relações entre os habitantes da praia e os seres do ar são, por sua vez, hiperbólicas, no sentido de que as aves costeiras descem contra os primeiros quando estes já se encontram impactados pelo avanço e recuo da maré e pelo avanço e recuo dos peixes ceifadores, sendo que as aves costeiras possuem voracidade de tal forma intensa que a visibilidade de sua empiria é precedida pelas sombras dos seus bicos e dos seus olhos, o que pode tornar esses seres do ar um paradigma de voracidade, de violência e de indiferença.

Esse paradigma terá força heurística no conto, uma vez que, nessa narrativa, o personagem Renato, na praia, em busca do seu filho perdido, interage conversacionalmente com algumas pessoas que se mostram indiferentes ao seu pleito de dor. Em outras palavras, Renato não apenas enuncia sua busca por seu filho, mais do que isso, estabelece atos de fala, cuja perspectiva é obliterada pela conversação estabelecida com algumas pessoas, as quais, assim, obnubilam a perspectiva de dor, de angústia e de desespero contida no ato de fala de infortúnio de Renato, intimidando-o, tal como as aves costeiras intimidam os bichos da praia.

Nesse sentido, encontramos-nos com a diferença estabelecida entre falar e agir. Para este filósofo, uma pessoa, na perspectiva de um observador, pode identificar a ação de outra, mas isso não leva à descrição do plano de ação desta, o que só seria possível

na medida em que aquela pessoa assumisse a perspectiva do participante, da segunda pessoa, e não apenas adscresse indicadores hipotéticos à ação desta. Assim, “A ideia de Austin, segundo a qual nós, ao dizermos algo, fazemos algo, implica a recíproca: ao realizarmos um ato de fala dizemos também o que fazemos” (HABERMAS, 2002, p. 67). Ou seja, há um sentido performativo num ato de fala que só é captado quando se assume a perspectiva do participante, de modo que, podemos acrescentar, se um ato de fala é recebido na perspectiva do observador, este coisificará a fala observada, uma vez que esta terá, obliterados, sua intencionalidade, seu planejamento imanente e o mundo da vida de que faz parte. Dessa forma, Renato tem sua comunicação obliterada:

- Tudo bem, Renato?
- Mais ou menos.
- Que tal os aviões?
- Não prestei atenção. Estou apreensivo com...
- Você chegou a ver o *Zeppelin*?
- A fotografia. Saiu nos Jornais.
- Eu era bem pequeno, mas me lembro. Aquilo, sim. Não sei por que não continuam fazendo zepelins.
- Também não. Meu garôto...
- É isso... Tudo muda. Imagine o que hão de ver os nossos filhos.
- Onde estão os seus?
- Ali, tomando banho.
- Nenhum quis ver a parada de 7 de setembro?
- Não.
- O meu, queria. Gosta de passeatas. Você o viu há pouco?
- Não. Puxaram a mim, os meus. Gostam de mecânica e de praia. Vamos mergulhar?
- Depois.
- Por que depois? São onze e quarenta. Daqui a meia hora chega o nosso ônibus. Não temos muito tempo. Vamos. Dizem que a vida começou no mar. Voltemos à origem. (LINS, Op. Cit., p. 208-209).

Essa obliteração pode ser entendida como uma forma de objetificação, uma vez que, dado um ato de fala, não é suficiente entender o conteúdo semântico deste, mas, além disso, deve-se levar em consideração a vivência subjetiva, em mediações páticas e sociais, o que oferece condições de possibilidade para a compreensão da fala de um sujeito à luz de como esse intenciona ser entendido, ou como sua intenção se pressupõe no que ele fala, o que é vedado a Renato.

Contra o ensombrecimento da fala do outro, estabelecem-se narrativas que reconhecem a perda de Renato e dialetizam-na numa dialética-fenomenológica do ver e do escutar. Nesse sentido, alguns narradores, como escritor e a moça que perdeu o próprio pai, reconhecem que a busca de Renato por seu filho indica uma perda abissal e

tais narradores, a moça e o escritor, carregam o que veem e o que escutam sobre essa busca para abismos pessoais, para suas próprias perdas, de modo que esses narradores narram seus próprios infortúnios na medida em que narram o infortúnio de Renato. Dessa forma, esse infortúnio não é condenado ao soliloqueamento ou à repressão, pois se torna contíguo às desditas pessoais dos narradores que se dizem ao dizerem a busca de Renato.

Trata-se, nesses casos, o de Renato, e os outros dois narradores, de um encontro pessoal com o deserto do desejo, ou seja, com vontades fortemente investidas psiquicamente as quais são, porém, frustradas pelo vir-a-ser da vida, sendo que esse esboroamento pode ser retrogradado para as escolhas individuais como condição de possibilidade das desgraças ou para a opacidade da contingência das coisas contra as escolhas individuais.

Há, porém, um narrador especial, qual seja, o povo de Recife, que, na verdade, é um agente coletivo de enunciação o qual funde a contiguidade de desditas numa figura radical de acolhimento. Este narrador, além de reconhecer o ato de fala do infortúnio de Renato, acolhe a perspectiva dessa dor e dessa angústia à luz de retrodições da história dos mundos talássico e terreno. Dessa forma, o povo de Recife acolhe não apenas a dor e a angústia do ato de fala de Renato, mas, além disso, o povo de Recife acolhe o éon dessa dor e das condições de possibilidade daquela história, acolhimento radical que rompe a contiguidade das dores para fundi-las num reconhecimento ontológico que, assim, ultrapassa a objetificação do ato de fala de Renato. Assim, o narrador coletivo diz:

[...] Choremos pela criança, como se por nós chorássemos, nós, meio homens e meio peixes, dóceis anfíbios, viventes do incerto. Muitas vezes mudaram, no curso do tempo, o perfil da baía do Recife, as regressões e transgressões marinhas, e as aluviões dos numerosos rios (Capibaribe ou das Capivaras, Tejipió, Jaboatão, Pirapama, Beberibe, Pina, Jiquiá, Camaragibe, Jordão), de longe chegados ou aqui mesmo nascidos, tributários de outras correntezas, inscrevendo e apagando deltas enlaçados, muitas ilhas, numerosas praias, mundos de restingas, reinos de coroas e quem sabe quantos outros deltas. Para fugir de ser peixe, sôbre os deltas vamos construindo, de cimento, de aço, de madeira, um sistema de pontes: Maurício de Nassau, Santa Isabel, Velha, Giratória, Buarque de Macedo, Boa Vista, do Pina, do Limoeiro, *Derby*, Madalena, Lasserre, Tôrre, Caxangá, as dez sôbre o canal, e tantas outras sem nome nem duração, rompidas pelo tempo, levadas pelas cheias juntamente com árvores e bichos, portas e mobílias, telhados e defuntos, pedaços de nós todos (idem, p. 235).

Nesse sentido, o povo de Recife advém um narrador que funde mediações que se relacionam à história pessoal de Renato e à história objetiva em que Renato, e demais, contextualizam-se, mediações tais que são condenadas ao obnubilamento, na medida em que o ato de fala do infortúnio do homem não é considerado, ou são dispostas a uma mediação relativa, na medida em que esse ato de fala é contíguo a outro no atravessamento desértico-desejante dos narradores que carregam a dor de Renato para suas próprias desditas, ou, ainda, são aquelas mediações radicalmente acolhedoras, pois revelam e recebem o infinito do éon de transformações em que a dor de Renato, as dores coletivas, a história do homem e a “história” da Terra fundem-se numa enunciação coletiva – eterno retorno dos processos, da história, eterno retorno do humano na contingência de ter vindo a ser.

## **Conclusão**

Em se tratando da narrativa “O Pássaro Transparente”, tem-se, aí, um garoto que se projeta, quando jovem, para uma ruptura com o seu lugar de fala patriarcal e capitalista, mas, quando adulto, mostra-se, plenamente, internalizado mediante a objetificação desse lugar. Desse modo, o homem, embora adulto, não é passível, sequer, de sua pessoalidade, uma vez que essa é derruída em proveito de uma personalidade capitalisticamente vazada. O homem é, então, uma figura de fetichização. Contudo, o pássaro transparente relaciona-se de maneira antitética contra essa objetificação, uma vez que a transparência do pássaro funde-se com o caráter humano deste, cuja ação de voar denota um movimento humanizado de autoafirmação da intimidade, da peculiaridade, e da liberdade, sendo que a autora deste desenho representa, em sua vida, esse ato radical de voar. Dessa forma, se o homem queda-se fetichizado, o pássaro e sua autora contrapõem-se a essa “transcendência”, indicando a performatividade da singularidade pessoal que não se deixa confranger pelo patriarcalismo nem pelo capitalismo, escopo ético-estético do vir-a-ser dessa artista e da arte crítica.

Em se tratando da narrativa “Perdidos e Achados”, tem-se, aí, um homem que busca seu filho e esbarra em comunicações que coisificam o ato de fala da sua perda, na medida em que não assumem sua perspectiva. Desse modo, Renato tem sua intenção fetichizada. Contudo, há outros personagens que, diferentemente, tomam a perspectiva do homem, porquanto o escritor e a moça que carregam as cenas da busca de Renato para as vivências de perdas em suas próprias vidas assumem o ato de fala da dor desse

personagem, a qual se torna contígua a outras dores e perdas, e, especialmente, o agente coletivo de enunciação, o povo de Recife, acolhe, radicalmente, o ato de fala da dor de Renato, pois tal narrador coletivo assume essa perspectiva, mas assume também a perspectiva desta perspectiva, uma vez que a dor de Renato é carregada para o éon da Terra, o que indica o movimento do vir-a-ser que, contingentemente, ensejou a possibilidade da vida histórica, geográfica e geológica de que Renato é parte. Dessa forma, se as comunicações que obliteram o ato de fala da dor de Renato são fetichizadoras, tais narradores desfetichizam esse ato, na medida em que a imanência da perspectiva do homem, em sentido particular e geral, é revelada.

Essa dialética entre “fetichização” e “desfetichização”, vista em ambas as narrativas, pode, ainda, relacionar-se com o contexto ditatorial brasileiro. Nesse sentido, o pássaro transparente e sua autora seriam personagens de combate contra a repressão política, pois se posicionam contra a internalização da autoridade presidencial-militar, figura esta de denotação e conotação patriarcal e capitalista, de modo que a artista e sua obra, ou a arte, tornar-se-iam figuras de “desfetichização” política. Da mesma forma, a busca de Renato seria alusiva ao combate contra a repressão política, pois, se o filho deste personagem gostaria de ver a parada de 7 de setembro, gesto de afetividade para com os símbolos pátrios nacionais, mas o garoto está perdido, desde o início do conto, e é perdido-achado ao longo da narrativa, uma vez que o corpo do garoto está ausente para Renato, mas a morte do garoto está presente para ele, tratar-se-ia, então, da morte do patriotismo ditatorial.

Ademais, se o assumir a perspectiva do participante é criminalizado em regimes de exceção, que intimidam como a sombra das aves costeiras, e embora o “voar transparente” também seja criminalizado em tais regimes, Osman Lins mostra a luz que devassa essa sombra: não há “fetichização” de si sem libertadoras oposições “desfetichizantes” de formas de subjetividade; não há “fetichização” do outro sem libertadoras oposições “desfetichizantes” de formas intersubjetivas performativo-ilocucionais; não há indiferença, opressão, ditaduras livres da arte que as denuncia, negatizando-as e superando-as.

## Referências

Austin, John L. *How to do things with words*. New York: Oxford University Press, 1965.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48ª edição. São Paulo: Global, 2003, p. 79-81

HABERMAS, Jürgen. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. 2ª ed. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 35-36),

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª edição. Rio de Janeiro: 2009, p. 1371, primeira acepção.

LINS, Osman. *Nove, novena*. São Paulo: Livraria Martins, 1966.

MARX, KARL. *O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

ROUANET, Sérgio Paulo. “Os Explicadores do Brasil”. In: *Brasiliiana da Biblioteca Nacional: guia das fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Nova Fronteira, 2001, p. 488).

SOUZA, Jessé. *A modernização seletiva*. Brasília: Unb, 2000.

\_\_\_\_\_. *A ralé brasileira: quem é e como vivem*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: LeYa, 2015.